

## ARTÍCULO DE INVESTIGACIÓN

**Vozes Femininas: as sonoridades da violência  
contra as mulheres e seus possíveis impactos  
psicossociais**

*Women's Voices: the sounds of violence against women and their possible psychosocial impacts*

**Rosinete de Jesus Silva Ferreira** 

[rosinete.ferreira@ufma.br](mailto:rosinete.ferreira@ufma.br)

*Universidade Federal do Maranhão, Brasil*

**Jefferson Saylon Lima de Sousa** 

[jefferson.saylon@ufma.br](mailto:jefferson.saylon@ufma.br)

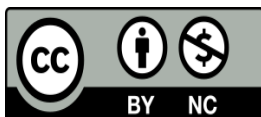
*Universidade Federal do Maranhão, Brasil*

**Carlos Benedito Alves da Silva Junior** 

[carlos.alves@ufma.br](mailto:carlos.alves@ufma.br)

*Universidade Federal do Maranhão, Brasil*

**RESUMEN** A violência sonora pode se manifestar através de sons intensos, timbres distorcidos e ritmos acelerados, que desenvolvem comportamentos e efeitos negativos nas pessoas que os escutam. A exposição prolongada a essas sonoridades nocivas pode gerar sentimentos como depressão, ansiedade, tristeza, humilhação e outras consequências psicossociais indelévels. Nesta perspectiva, a discussão tem como objetivo provocar uma reflexão sobre as sonoridades negativas a partir de três produtos audiovisuais: o filme *Sound of Violence*, de Alex Noyer (2021), o curta-metragem *O Buraco*, de Zeudi Souza (2022), e a série *Ela Quer Tudo*, de Spike Lee (2017). Por meio da metodolo



Este trabajo está sujeto a una licencia de Atribución-NoComercial 4.0 Internacional (CC BY-NC 4.0).

gia qualitativa de análise fílmica, foram eleitas as categorias de espaço social, constrangimento, sonoridades e produtores das sonoridades, a fim de compreender de que maneira as sonoridades violentas participam da construção e da manutenção de estruturas de opressão contra mulheres negras. Os resultados evidenciam que a violência sonora, ao atravessar o corpo e o ambiente, reforçam mecanismos históricos de silenciamento e dominação patriarcal e racial. Contudo, os filmes analisados também apontam para a possibilidade de resistência e reconfiguração simbólica do som como agente político e espaço de denúncia. Assim, o estudo contribui para ampliar a compreensão das dimensões sonoras da violência de gênero e para destacar o papel da escuta crítica como instrumento de enfrentamento e reconstrução identitária.

**PALABRAS CLAVES** Mulheres negras; Violência; Sonoridades; Audiovisual.

**ABSTRACT** Sound violence can manifest through intense sounds, distorted timbres, and accelerated rhythms, which may provoke negative behaviors and effects in those who hear them. Prolonged exposure to these harmful sonic experiences can lead to feelings such as depression, anxiety, sadness, humiliation, and other indelible psychosocial consequences. From this perspective, the discussion aims to provoke reflection on negative soundscapes through three audiovisual works: the film *Sound of Violence* by Alex Noyer (2021), the short film *O Buraco* by Zeudi Souza (2022), and the series *She's Gotta Have It* by Spike Lee (2017). Using a qualitative film analysis methodology, the categories of social space, constraint, soundscapes, and sound producers were selected to understand how violent sounds contribute to the construction and maintenance of oppressive structures against Black women. The results show that sound violence, by penetrating the body and environment, reinforces historical mechanisms of patriarchal and racial silencing and domination. However, the analyzed films also point to the possibility of resistance and symbolic reconfiguration of sound as political agency and a space for denunciation. Thus, the study contributes to broadening the understanding of the sonic dimensions of gender violence and highlights the role of critical listening as a tool for resistance and identity reconstruction.

**KEYWORDS** Black women; Violence; Sonorities; Audiovisual.

## Introdução

Apresentamos uma discussão em torno da temática que envolve as mulheres e os homens em nossa sociedade: a violência. As mulheres, se inserem por uma vivência de violência e narrativas históricas que abrange o sistema patriarcal e por consequência os homens reproduzem essas heranças de dominação sobre o feminino. A institucionalização da escravidão, de acordo com Lener (2019), pode ser compreendida como uma das razões da normalização de poder e controle dos homens sob as mulheres. A interseccionalidade entre o patriarcado e a escravidão reforçou a consolidação da estrutura patriarcal, ao posicionar o homem como detentor do poder sobre as pessoas escravizadas, as mulheres livres e a propriedade. Nesse sentido, a sociedade tinha uma justificativa para o domínio masculino, pois naquele momento perdura a concepção que determinadas pessoas tinham o direito de ter domínio sobre outras, o que legitimou a subordinação das mulheres que socialmente eram vistas como inferiores.

Outro tema sensível no que concerne à dominação masculina sobre a mulher é a sexualidade. Mulheres escravas e livres eram submetidas a abusos sexuais, pois tinham dono e eram propriedades, logo não tinham controle de seus corpos e todas estavam sujeitas à qualquer tipo de violência. Diante dessa construção histórica, a violência torna-se singular, quando nomeamos como objeto de estudo as mulheres negras, que vivenciam em seu cotidiano os efeitos da discriminação nos âmbitos social, psicológico e cultural de forma dupla por serem mulheres e negras. De acordo com o Anuário do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2022), no ano de 2021, 62% das mulheres negras foram vítimas de feminicídio, em total de 52,2% foram estuproadas. O Anuário também aponta que entre as vítimas de assédio, 43,3% são negras e 30% são brancas.

Na infância e adolescência é frequente que os jovens negros, principalmente as meninas, sejam julgadas pela imagem corporal, porque não atendem aos padrões brancos socialmente estabelecidos. É neste momento, que as marcas sonoras da opressão começam a ser evidenciadas (xingamentos, *bullying*, piadas, risadas), aliadas aos demarcadores de gênero, raça e classe. Estes sinais podem ser entendidos como um conjunto de sonoridades e visualidades que influenciam vivências e experiências.

Entre a infância e a adolescência, existem famílias onde as primeiras sonoridades estão relacionadas aos gritos parentais no ambiente familiar com brigas, violência doméstica, insultos, ambientes sonoros poluídos e escuta constante de palavras preconceituosas. A escola, que em tese deveria ser um local de acolhimento, em muitos casos se torna um ambiente opressor. As crianças sentem tristeza ao serem excluídas e discriminadas pela cor da pele ou serem chamadas de macacas por outras crianças. Outro ambiente de coerção é o espaço urbano, que pode se apresentar como um local de vulnerabilidade e medo principalmente pela ausência de segurança. Berkowitz (1993) comenta que acontecimentos aversivos como provocações e barulhos altos são

desconfortáveis e produzem afetos negativos ao acionarem memórias e reações negativas. Ou seja, sons agressivos podem se tornar associados a experiências agressivas. O autor sugere que a exposição frequente a xingamentos, a um tom de voz agressivo ou a outras sonoridades semelhantes podem desencadear respostas emocionais negativas.

Ambientes marcados por sonoridades agressivas podem gerar efeitos psicossociais associados à autopercepção e à autoestima, repercutindo nas relações sociais, na medida em que os estímulos auditivos influenciam os modos de pensar, sentir e agir em relação a si e ao mundo. Nesse sentido, o mapa do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA (2023), mostra os sons das agressões, insultos, violências físicas e simbólicas contra as mulheres. Diante das 3.858 mulheres assassinadas, 66% (2.601) eram negras (pretas e pardas). Além disso, as taxas indicam que, a cada 10 mil habitantes, 4,3 correspondem a mulheres negras mortas, em comparação a 2,4 mulheres não negras.

Frente aos números acima mencionados, apresentamos uma reflexão sobre as sonoridades agressivas às quais as mulheres negras são submetidas. Para desenvolver a temática apresentada, selecionamos como objeto de estudo os filmes: *“Ela quer tudo”* (2017), *“Sound of Violence”* (2021), *“O Buraco”* (2022), pois a partir da análise de cenas refletimos sobre as sonoridades agressivas. Partimos da metodologia fílmica para propor uma avaliação crítica das sonoridades como possíveis demarcadores de violência contra mulher em cenas pré-estabelecidas.

## 2. Violência Feminina

O tema violência pode ser pesquisado sob várias perspectivas e campos de conhecimentos. Se voltarmos no tempo e formos à Grécia, perceberemos o cenário nada favorável às mulheres que eram consideradas inferiores aos homens e sem direito à participação na vida política da cidade. Em Roma, por exemplo, culturalmente, as mulheres eram propriedades dos homens e como consequência vítimas de violência sexual e física. Gevher e Souza (2014: 115) comentam sobre a dificuldade de encontrar pesquisa sobre as mulheres no período medieval tendo em vista que no referido período as mulheres eram coadjuvantes nas narrativas masculinas. Os autores comentam que “a ideia que se tinha da mulher na idade média era predominantemente negativa”.

Ainda hoje, no século XXI, as ideias, as concepções e os comportamentos em torno do ser mulher estão inseridos em aspectos culturais e sociais bem distintos a depender do tipo de sociedade na qual estamos inseridos. Nas sociedades orientais, por exemplo, as mulheres enfrentam limitações de direitos e de segregações sendo obrigadas a viver sobre o culto de tradições culturais e religiosas. No contexto ocidental, podemos considerar que avançamos em relação a alguns direitos civis e sociais,

no entanto ainda temos que considerar situações misóginas, sexistas e enfrentamento de um elevado número de feminicídio.

Esse contexto de violência, experienciado pelas mulheres por meio das palavras e da oralidade, contribui para o surgimento de formas de comunicação violenta, tanto de modo subliminar quanto por meio de imagens, signos e símbolos. No campo da Comunicação, a violência contra mulher pode se manifestar através da propagação de estereótipos de gênero, discriminação, objetificação, piadas, memes sexistas, exposição de intimidades, assédio, dentre outras maneiras. Nesse sentido, a violência ligada aos meios de comunicação tem ocorrido de forma repetitiva, causando danos irreparáveis às vítimas.

Na sociologia podemos indagar sobre as estruturas sociais e a criminalidade. Na psicologia, os estudos podem acontecer em torno dos danos emocionais, psicológicos ou até mesmo atitudes, que tenham objetivo de limitar ações e comportamentos, através de ameaças, constrangimentos, humilhações e chantagens causando prejuízos à saúde mental e física. Se pontuamos a violência contra mulher sob uma perspectiva geográfica, dos espaços, percebemos que a mesma ocorre tanto nos espaços públicos quanto nos privados, daí decorrem os assédios e os abusos verbais. A falta de acesso e informação aos protocolos jurídicos, gera a violação dos direitos humanos e, consequentemente, muitas mulheres enfrentam barreiras para terem acesso ao sistema judiciário, seja por falta de recurso, medo de não serem ouvidas ou até mesmo enfrentar uma outra violência ao tentarem expor um caso já ocorrido. No campo educacional é recorrente sabermos sobre assédio em sala de aula. Rêgo (2023) nos convida à reflexão sobre os casos de assédio no Instituto Federal do Maranhão (IFMA). A autora nos convida a compreender o ecossistema da instituição que envolve abordagens afetivo-sexuais entre servidores e alunas, que embora vedada por lei é naturalizada na prática.

No século XX, a violência contra as mulheres tem sido pauta constante e diária e o reconhecimento da violação dos direitos humanos tem sido objeto de campanhas educativas, debates, preocupação nas famílias e escolas, além de significativa produção literária acadêmica. Diante do exposto, propomos uma discussão em torno da temática que envolve as mulheres e os homens em nossa sociedade: a violência. Esse tema torna-se singular, quando nomeamos como objeto de estudo as mulheres negras, que vivenciam em seu cotidiano os efeitos da discriminação em âmbito social, psicológico e cultural de forma dupla por serem mulheres e negras. Dados da Anistia Internacional, movimento global que tem como meta a busca por direitos humanos, aponta que quatro mulheres foram mortas por dia no primeiro semestre de 2022, contabilizando 699 feminicídios até metade do ano. Estes dados revelam de forma significativa o quanto urge ações mais concretas em torno da violência contra mulheres.

Na infância, por exemplo, as exposições a sonoridades negativas podem conferir impacto no desenvolvimento emocional. De acordo com Patias, Silva e Dell'Aglio (2016) o ambiente doméstico e a dinâmica de convivência entre os pais podem ser permeados de gritos, demonstrações de conflitos, estresse, raiva e podem afetar a saúde mental desde a infância.

São as políticas públicas, associadas a um envolvimento social, que podem minimizar as consequências da violência em várias perspectivas, no caso em discussão, as sonoras. Na fase da adolescência as sonoridades negativas que podem causar transtornos psicossociais são o *bullying* e o assédio verbal que manifestados em tom de brincadeira nos grupos, constituem em muitos casos um processo de desumanização que se concretiza através um ambiente sonoro hostil. Outra manifestação no período da adolescência é a violência urbana, caracterizada por tiros, brigas e som de sirene que trazem medo, ansiedade e traumas. A mídia também traz contribuições quando propaga letras de músicas violentas, imagens e infográficos que reforçam o racismo e a violência.

Na discussão posta, vamos centrar na verbalização das violências sonoras nas quais as mulheres são submetidas, por exemplo: assédio verbal, gritos e ameaças, controle e manipulação, isolamento sonoro, intimidação sonora, objetificação e comentários sexistas, exclusão e isolamento social. No texto em questão analisamos alguns desses pontos com base em três obras audiovisuais.

### 3 Sonoridades Violentas

A infância e adolescência, embora sejam períodos distintos em nossas vidas, podem ser definidos como marcos positivos ou negativos a partir de experiências e vivências pessoais e intransferíveis. Esses momentos são marcados por sons sensoriais que trazemos em nossas memórias. Músicas, cantigas de ninar e populares, sons das brincadeiras na escola, em sua maioria, carregam afetos positivos. Na adolescência, as sonoridades passam a ser mais seletivas, porém ligadas à identidade, ao pertencimento, às influências e aos significados que vão se construindo nessa etapa da vida.

Os sons podem trazer impactos positivos ou negativos em nossas emoções e memórias, pois podem estar associados a momentos difíceis como a perda de alguém, de termos de relacionamentos ou a momentos de alegria, como nascimento de filho, datas festivas ou a qualquer outra vivência positiva. Trotta (2019) apresenta uma discussão sobre a escuta violenta. O autor nos faz refletir sobre as experiências musicais desagradáveis que nos atravessam e nos imobilizam. Por outro lado, palavras violentas podem causar profundos impactos psicossociais como danos psicológicos, isolamento social, impacto na saúde física, estigma de discriminação e outros sintomas.

O insulto pode ser caracterizado como palavra, comportamento, atitude ou gesto desrespeitoso proferido contra alguém. O insulto demonstra desprezo, qualifica ne-

gativamente e a pessoa sente-se diminuída, ferida em sua intimidade. De acordo com Charaudeau (2019: 541) “a violência verbal pode se manifestar por gritos, voz alta e palavras empregadas em tonalidades diversas (das mais suaves às mais estridentes)”. O autor comenta que as palavras nem sempre tomam conotação grosseira, carregando uma força negativa, essa intenção está diretamente ligada ao intuito para com o outro. No entanto, Charaudeau comenta que existem palavras que emanam uma essência tão negativa, que é difícil produzir um efeito positivo.

Partindo dessas perspectivas, a violência sonora é compreendida como elemento estruturante das experiências sociais de mulheres negras; nesse contexto, delineamos o percurso metodológico, que consiste na análise dos filmes anteriormente mencionados.

#### **4 Metodologia de Análise do Som no Audiovisual**

Retornamos ao objetivo para explicar o processo metodológico. Nossa intenção é provocar uma reflexão em torno das sonoridades violentas direcionadas às mulheres negras. Para esta discussão o corpus de análise será constituído da série “*Ela quer tudo*” (2017), e dos filmes “*Sound of Violence*” (2021) e “*O Buraco*” (2022). O primeiro é uma série dirigida por Spike Lee e tem como protagonista uma jovem artista negra de cerca de 20 anos de idade que mora no Brooklyn e desafia a sociedade pelo seu estilo de vida livre que envolve trabalho, amigos e três relacionamentos simultâneos. O segundo é dirigido por Alex Noyer tendo como personagem central Alexis, uma menina negra com deficiência auditiva que após testemunhar o assassinato de sua mãe pelo pai, sofreu um trauma e desenvolveu uma condição neurológica denominada sinestesia. Alexis ao crescer sente prazer ao ouvir ou em produzir sonoridades violentas. O terceiro audiovisual é um documentário que traz o cotidiano violento em que muitas mulheres negras vivem. A violência doméstica é o cenário principal do documentário que proporciona reflexões sobre convivências e sonoridades violentas que aos poucos podem ser naturalizadas no lar.

Este conjunto de obras audiovisuais são determinadas pelos autores como um conjunto de textos e imagens com categorias comuns que trazem uma proposta de reflexão em torno da temática mulher e violência. A metodologia empregada é a da análise fílmica (Aumont e Marie, 2009) com ênfase para os elementos sonoros: falas, efeitos e trilhas. Ao tratar do assunto, os autores - que também a denominam como análise icônica da banda de som - propõem uma observação detalhada das funções dos elementos sonoros para a montagem e sentido do audiovisual. Os autores comentam ainda que:

Um dos principais problemas na análise da banda é que ela veicula múltiplas funções ao mesmo tempo, e sem que às vezes seja possível fazer distinções claras. Em primeiro lugar, em relação à imagem, ela inclui muito mais material não diegético (Aumont e Marie 2009: 133).

A metodologia da análise fílmica divide a observação da banda sonora em dois grandes grupos: 1) música e 2) ruídos, ambientes e diálogos. Para este trabalho em específico, optou-se por concentrar a análise no segundo grupo, por ser aquele mais adequado aos objetivos aqui propostos. Auxilia esta análise o método de descrição do ponto de escuta (Vanoye e Goliot-Lélé 1994: 51), que instrui a análise sônica do filme a partir da identificação de: a) “De onde se ouve aquilo que se ouve?”; b) “Quem ouve? Quem escuta?” c) a distinção dos sons “objetivos” e “subjetivos”.

Essas ideias e proposições são absorvidas e aplicadas em nossa análise em um quadro descritivo para cada série a partir da seleção de uma personagem que se enquadre nas condições de interesse do estudo, a deser mulher negra. A partir daí indica-se: a) seu espaço social; b) o constrangimento que é submetida; c) a manifestação do racismo; d) as sonoridades (falas e ruídos); e) quaisquer situações em específico que sejam relevantes à análise.

### Quadro 1

*Categorias de análise das sonoridades violentas nas obras audiovisuais.*

Categorias	Audiovisuais analisados		
	<i>Sound of Violence</i>	<i>O Buraco</i>	<i>Ela quer tudo</i>
Espaço Social	Ambiente Familiar	Ambiente Familiar	Variado (Rua, habitat pessoal)
Constrangimento	Agressão Física	Agressão Física	Agressões verbais
Racismo	Estatísticas mostram que as mulheres negras sofrem mais racismo	Mulheres negras sofrem mais racismo	Racismo é evidenciado por ser negra e morar em bairro de negro
O que ouve	Insultos e sons da mão do agressor	Insultos e agressões verbais e físicas	Insultos, agressões verbais
De quem ouve	Do companheiro	Do companheiro	Vizinhança e homens em seu entorno

Sonoridades	Sons que ouve a partir da voz do agressor Sons emitido pela vítima (gritos, sons ambientes)	Sons verbais emitidos pelo companheiro Sons de objetos que se quebram pela casa Sons do seu próprio corpo mutilado pela dor Sons emitidos pelas mãos do agressor	Palavrões Elogios maliciosos
-------------	--	---	---------------------------------

Fonte: Elaborado pelos autores.

### 5 Refletindo os efeitos psicossociais da violência sonora contra a mulher

Os espaços sociais onde nascemos e crescemos constituem os locais nos quais estabelecemos as primeiras relações sociais, as interações e a aprendizagem. A família, por exemplo, é o primeiro núcleo de acolhimento e o espaço onde desenvolvemos sentimentos que podem ser negativos e/ou positivos. Bourdieu (2008) compreende o campo social como resultado das interações entre atores sociais, que constituem identidades. Nesse contexto, as sonoridades — especialmente as agressivas — podem ser entendidas como formas de violência simbólica, por influenciarem modos de perceber, sentir e a

#### Figura 1

*Cena de violência doméstica no filme "Sound of Violence".*



Fonte: Alex Noyer (2021).

No filme *“Sound of Violence”*, de Alex Noyer (2021), nas primeiras cenas a personagem Alexis, que se apresenta com problema de audição, presencia a cena de assassinato da mãe pelo pai. Neste exato momento a menina retoma a audição ao ser exposta a uma sinestesia de sons causados pela violência vivida no espaço familiar. O cenário sonoro envolve gritos do pai de Alexis com alta intensidade, altura e timbre ao utilizar o cutelo para golpear a mãe da protagonista, criando assim um ponto de tensão na trama. A sonoridade dos gritos da mãe sendo golpeada e do marido em êxtase pela sua ação, preenche toda cena fílmica neste momento. Essa cena inclui o que Brandon LaBelle (2018) define como agência sônica, que se refere à capacidade do som de produzir formas de ação, resistência e transformação social. A partir deste momento a vida de Alexis só vai encontrar sentido na vida através das pulsões de sonoridade violentas.

Ao analisarmos a cena da morte da mãe de Alexis percebemos que as sonoridades estão inseridas em uma vertente dentro da psicologia cognitiva que busca explicar como os processos mentais, especialmente a aprendizagem, a memória e a emoção se organizam a partir de associações entre ideias, estímulos e respostas, mas levando em conta também os contextos sociais e afetivos.

## Figura 2

*Cena de violência doméstica em “O Buraco”.*



Fonte: Zeudi Sousa/YouTube (2022)<sup>1</sup>.

1. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=tZ2aZafOD1I>>. Acesso em: 02/01/2024.

No documentário “*O Buraco*” de Zeudi Souza (2022), o espaço doméstico volta a ser espaço de sonoridades violentas, quando o companheiro da protagonista designa o ambiente familiar como espaço de briga, insultos quebra de utensílios domésticos e toda uma construção sônica que proporciona um desequilíbrio psicoemocional não só na vítima, mas no construto familiar. Falcke et al. (2009), comentam que a violência advinda dos lares até por volta dos anos 1960, estava sob o âmbito privado, algo tido como segredo da família, mas com o advento das pautas feministas a temática passou ter evidência e problematizações, sobretudo no que concerne às consequências da violência doméstica.

Caracterizada como “qualquer ação ou omissão baseada no gênero que lhe cause morte, lesão ou sofrimento físico ou sexual ou psicológico e dano moral ou patrimonial”<sup>2</sup>, a violência doméstica atinge 27% das mulheres entre 19 e 49 anos, segundo dados do Atlas da violência do IPEA (2023). De acordo com o Instituto Maria da Penha, a violência doméstica se organiza em três fases: a primeira o agressor mostra-se tenso e irritado humilhando a vítima. Na segunda fase há explosão do agressor com violência verbal, física, psicológica, moral e até patrimonial e a denúncia. Na terceira fase está o arrependimento e a negociação. É importante ressaltar que em todas as fases da agressão, podemos captar sonoridades negativas que diminuem as mulheres.

A cena em questão produz efeito de tensão a partir das sonoridades intermitentes emitida pela protagonista ao ser sufocada pelo marido. Os sons ofegantes que aumentam e diminuem tanto em altura, quanto em intensidade produzem a sensação de morte da personagem. O olhar observador e silencioso do filho através de um buraco, pode ser interpretado pela teoria psicossocial de processamento da informação social, que explica como as pessoas percebem, interpretam e respondem às situações sociais, levando em conta tanto os processos mentais (cognitivos), quanto os fatores emocionais e contextuais (psicossociais).

Na série “*Ela quer Tudo*”<sup>3</sup>, a personagem Nola, ao andar nas ruas do bairro Brooklyn à noite e sozinha, é interpelada por sonoridades grotescas como: “*Gostosa, qual seu nome?*”; “*Vá se fuder eu não quero essa xoxota fedida mesmo*”; “*Negra vadia filha da puta*”; “*Merda*”. São sonoridades violentas que fazem a personagem chorar ao chegar em casa. Nola faz cartazes e os prega no bairro como forma de protesto e para explicar que seu nome não é “*Pedaço de mau caminho*”, “*Não é linda*”, “*Não é Gracinha*”, “*Psiu, Gata*”, “*Mamacita*”, “*Docinho*”, “*Ei, Madame*” “*Gostosa*”, “*Boazuda*”, “*Meu Bem*”, “*Querida*”, “*Negra vadia, filha da puta*”, e sim que seu nome real é Nola Darling.

2. Artigo 5º da Lei Maria da Penha (Lei 11.340 de 2006). Disponível em: <[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2006/lei/11340.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/11340.htm)>. Acesso em: 02/01/2024.

3. Para esta análise o episódio 01 primeira temporada, “#SeJoga (Doutrina)”, foi o escolhido para observação.

A cena nos faz refletir sobre o quanto o espaço urbano é um território perigoso e hostil para mulheres, pois geralmente há problemas com segurança, iluminação e estrutura do espaço. Siqueira (2015), comenta que o medo das mulheres acessarem o espaço público está diretamente ligado a aspectos espaciais e sociais, pois as vulnerabilidades nas quais são submetidas estão diretamente ligadas à relação de dominação imposta pelo patriarcado. Quando determinadas palavras são proferidas, elas nos imobilizam diante do constrangimento ao qual estamos submetidas. As consequências envolvem o emocional, psíquico e o social, além da perda da autoestima e da autoconfiança.

### Figura 3

*Nola é seguida na rua noite em “Ela Quer Tudo”.*



Fonte: Spike Lee/Netflix (2017).

A personagem Alexis, do filme *“Sound of Violence”* é submetida desde criança à situações de mal-estar familiar que, ao presenciar o assassinato da mãe, a coerção sobre ela é tão forte, que sua audição retorna em um contexto psíquico e emocional tão forte que envolve uma explosão sinestésica.

#### Figura 4

*O pai golpeando a mãe de Alexis e ela presencia.*



Fonte: Alex Noyer (2021).

No curta-metragem “*O Buraco*”, o constrangimento pode ser observado através do cotidiano da personagem que vive em constante opressão psicológica pelo companheiro. O desrespeito à sua existência a coloca em uma situação de invisibilidade humana, sem direito a uma opção de vida, pois o companheiro a obriga a viver atos desconfortáveis.

Do ponto de vista psicológico, o filme evidencia os efeitos subjetivos da violência de gênero, mostrando como a mulher, confinada ao espaço doméstico, é submetida a uma forma contínua de dominação emocional e simbólica. A casa, que deveria ser espaço de proteção, converte-se em ambiente de aprisionamento, onde a vítima perde progressivamente o domínio sobre o próprio corpo e a própria voz. Conforme argumenta Kehl (2002), o trauma não se resume ao evento violento, mas à repetição de uma experiência não simbolizada, que retorna sob a forma de silêncio e sintoma. No filme, o silêncio da mulher não é ausência de comunicação, mas expressão condensada do trauma, de uma dor que não consegue ser enunciada por não encontrar linguagem. A mulher representada em *O Buraco* vive a experiência de “ser-para-outro”. Este conceito foi desenvolvido por Beauvoir (1949) em *O Segundo Sexo*. A personagem é reduzida à alteridade de um sujeito dominado, cuja existência se define pela presença e pelo poder do agressor. O corpo feminino é, nesse contexto, o lugar onde se inscrevem as marcas da violência e da submissão, ou seja, um corpo que sofre, que resiste e que, paradoxalmente, torna-se o testemunho visível de uma estrutura social desigual. Vale ressaltar que a personagem é agredida constantemente pelo companheiro.

### Figura 5

*Cena de violência vista pelo buraco da porta em “O Buraco”.*



Fonte: Zeudi Sousa/YouTube (2022).

No início do primeiro episódio da série *“Ela Quer Tudo”*, Nola inicia falando que ama andar pelas ruas de New York, mas comenta “às vezes, para uma mulher andar pelas ruas centrais, pode ser cruel”. O constrangimento oriundo das sonoridades que as mulheres são obrigadas a ouvir no espaço urbano trazem dor e sofrimento. Na série, Nola apresenta algumas dessas sonoridades negativas nas ruas de New York. Frases como: *“Porque não senta no meu pau e pedala nas minhas bolas?”*. Outro diz: *“Desculpe-me, mas você é tão linda que eu beberia água de seu banho em uma taça de champanhe. Quer saber por quê? Porque a placenta de sua mãe tinha água benta. Deus te abençoe, garota, Deus do céu.”*; outro dispara: *“Gracinha, aposto que seu peido tem cheiro de bala de uva, chá gelado e tudo misturado. Que combinação?”*. São sons que causam constrangimento, emoções negativas, humilhação.

Nola representa uma tentativa de ruptura com os estereótipos que historicamente sexualizam e subjugam mulheres negras. Sua recusa em ser rotulada ou controlada pelos homens com quem se relaciona é um gesto de afirmação identitária e política. No entanto, a série evidencia como essa liberdade é constantemente ameaçada por estruturas patriarcais que se manifestam tanto em comportamentos abusivos, quanto em violências simbólicas. A violência de gênero é tematizada de forma explícita, como no episódio em que Nola sofre assédio nas ruas do Brooklyn, o que a leva a criar a campanha artística *“My Name Isn’t”*. Essa iniciativa denuncia a objetificação feminina e o controle sobre os corpos das mulheres, especialmente negras. A série também problematiza a ideia de empoderamento feminino ao mostrar que, mesmo em contextos de aparente liberdade, a mulher negra continua vulnerável à violência, à marginalização e à incompreensão. Destacamos no filme a violência sonora a qual a personagem é submetida constantemente.

Os sons da violência podem ser identificados como insultos, agressões verbais e até mesmo as sonoridades das brigas, quebras de objetos, gritos que ficam gravados em nossa memória. Estas sonoridades tem origem em sua maioria na família com os pais, depois os companheiros e em muitos casos os amigos que nos rodeiam também reproduzem este comportamento. Fontes e Diniz (2017), comentam que os gritos provocam violência psicológica.

A violência psicológica engloba qualquer prática que cause danos à autoestima e autodeterminação da mulher ou restrinja sua autonomia, como por exemplo: ofensas, xingamentos, gritos, ameaças, humilhações, perseguição, vigilância, manifestação de ciúmes, controle de suas ações (Fontes e Diniz 2017: 02).

### Figura 6

*Insultos proferidos a Nola em “Ela Quer Tudo”.*



Fonte: Spike Lee/Neflix (2017).

No centro dessas manifestações violentas, temos o racismo. Gonzalez (1984: 224), define o racismo como “a sintomática que caracteriza a neurose cultural brasileira”. E ao pensarmos o racismo aliado ao sexismo, observamos os resultados perversos e violentos sobretudo para com a mulher negra. Nos produtos audiovisuais analisados percebemos o preconceito como o fio condutor das três narrativas. As mulheres são mortas e ou violentadas por preconceito, misoginia e machismo. O processo de violência inicia na infância e geralmente perpassa por toda a vida, sendo ressignificado em vários níveis e instâncias.

As várias formas de manifestações da violência têm sido pauta de constantes debates quer sejam no audiovisual com documentários, longas-metragens, áudio reportagens ou áudio documentários, quer sejam nas escolas, universidades, instituições da sociedade civil, mídia tradicional ou redes sociais digitais. Os dados do IPEA (2023), mostram que houve aumento de 0,3% de homicídios femininos de 2020 para 2021. Além disso, 67,4% das vítimas eram mulheres negras, o que corresponde a uma taxa de 4,3 por 100 mil mulheres. Esses números revelam que a violência sonora não ocorre de forma isolada, mas integra um ecossistema mais amplo de opressões estruturais.

### Uma consideração a mais

Podemos, também, ter um olhar sobre as obras audiovisuais sob a perspectiva de LaBelle (2018), que propõe uma revalorização do som como campo de ação e resistência, formulando o conceito de agência sônica. Dessa forma, a agência sônica se manifesta através das figuras do *invisível*, o *entreouvido*, o *itinerante* e o *fraco*. Cada categoria pode representar visibilidade, controle da escuta e silêncio.

Em *O Buraco* podemos perceber o invisível no espaço sonoro da exclusão, pois a mulher vive em uma invisibilidade social. A protagonista vive sem rede de apoio, sem diálogo. Percebemos o isolamento e o silêncio na paisagem sonora posta. Interpretamos como silenciamento e invisibilidade física e sonora da mulher negra periférica. Na série *Ela Quer Tudo*, ao contrário do documentário, a mulher negra se apresenta como construtora de sua identidade que pode ser observada como múltipla, através do cruzamento de gêneros musicais e referências afro-americanas postas em cena tais como jazz, Black Arts Movement e até mesmo o bairro do Harlem, que apresentam uma riqueza do universo negro. Ainda observamos a categoria entreouvidos através dos sons invasivos e constrangedores advindos dos comentários masculinos. Por fim, em *Sound of Violence* (Som da Violência) a protagonista vivência a experiência sonora como uma ameaça advinda de uma violência sonora experienciada no passado. A possível fragilidade da surdez não foi tratada como problema, mas como resistência e insurgência conforme trata LaBelle. O som é apresentado como manifestação corpórea.

Dessa forma, as obras analisadas demonstram que o som é agente político capaz de construir subjetividades, denunciar violências e instaurar espaços de resistência. Ao utilizarmos a obra de LaBelle, compreende-se que a agência sonora opera como forma de insurgência sensível frente às estruturas de exclusão. O invisível, o entreouvido, o itinerante e o fraco não são apenas categorias teóricas, mas práticas de escuta que se traduzem na fissuras da imagem.

A perspectiva de refletir sobre a violência no contexto sonoro nos possibilitou perceber o quanto as sonoridades violentas são naturalizadas desde a infância. Nem sempre damos atenção ao que ouvimos, porque somos ensinados socialmente a minimizar o que escutamos de negativo, em uma tentativa de esquecer as palavras. Porém, é importante observar que as palavras, os xingamentos e as marcações sonoras podem causar conflitos irreparáveis independente de ser mulher ou homem negro. A personagem Alexis (*Sound of Violence* 2021), por exemplo, tem sua vida transformada a partir da audição de uma sonoridade extremamente negativa que reverberou na sua construção humana.

Por meio da análise fílmica aplicada nos eventos sonoros das obras audiovisuais, percebeu-se aqui duas coisas. A primeira é que há uma infinidade de sentidos predispostos na banda sonora que não só evidenciam a narrativa, como nos expõem a gatilhos traumáticos da nossa sociedade. A segunda é que se apresenta um significativo objeto de estudo interdisciplinar que tem como foco as implicações que as sonoridades violentas promovem quando somos expostos a elas, quer seja na vida real ou na ficção.

Autoras como D. Ferrett se destacam enquanto pensadora dessa circunstância. Em seu livro *“Dark Sound: Feminine Voices in Sonic Shadow”* (2020) ela propõe uma cosmologia dos sons femininos sombrios, que por sua vez a debruça sobre o texto feminino e toda a subjetividade obscura presentes nas entrelinhas. Subjetividades essas que são reflexos de violências emocionais, patrimoniais, físicas e psicológicas por elas submetidas.

As obras analisadas revelam polos opostos da experiência feminina diante das estruturas de poder patriarcal e racial. Enquanto o documentário brasileiro apresenta o silêncio da mulher violentada, confinada ao espaço doméstico e marcada por uma subjetividade fragmentada, o filme de Spike Lee apresenta a voz emancipada da mulher negra, que reivindica prazer, autonomia e direito à fala. Em *O Buraco*, a ausência de fala e o ponto de vista infantil constroem uma estética do trauma e do silêncio, na qual a mulher é reduzida à condição de corpo ferido e invisível. Já em *Ela Quer Tudo*, Nola Darling encarna o princípio do feminismo negro ao afirmar o erótico como poder e o corpo como território político. Sua recusa em ser controlada por padrões morais e patriarcais constitui uma forma de resistência. Essa oposição entre silenciamento e afirmação evidencia que a violência sonora pode tanto aprisionar quanto despertar processos de ruptura e enfrentamento.

Ao investigar as sonoridades violentas a partir de obras audiovisuais, esta pesquisa contribui para ampliar a compreensão da violência de gênero para além das dimensões físicas e simbólicas mais convencionais, destacando o som como elemento estruturante de opressões sociais. Ao mesmo tempo, reconhece-se a potência política da escuta e da voz feminina como instrumentos de resistência e reconstrução identitária. Essa abordagem permite visibilizar experiências frequentemente silenciadas de mulheres negras, reforçando a necessidade de políticas públicas e práticas culturais que considerem a dimensão sonora da violência. Assim, o estudo propõe um olhar interdisciplinar e sensível que articula audiovisual, estudos de gênero e psicologia social, contribuindo para o fortalecimento de perspectivas críticas no campo das humanidades e ciências sociais.

### **Declaração de conflito de interesses**

Os autores declaram que não existe conflito de interesse.

### **Contribuição dos autores**

Os autores participaram de forma coletiva de todas as fases de elaboração do artigo.

### **Sobre os autores**

Rosinete de Jesus Silva Ferreira. Doutora em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro- UFRJ. Mestre em Comunicação Social - Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Especialista em Teoria da Comunicação- Universidade do Ceará - UFC. Graduada em Comunicação Social - Rádio e Televisão. Professora do Curso de Comunicação Social, Mestrado em Psicologia - PPGPSI e Mestrado Profissional em Comunicação -PPGCOMPRO. Professora Pesquisadora Integrante do Projeto de Extensão Sommar. Coordenadora do Grupo de Pesquisa Estratégias na Comunicação e da Linha COMULT. Idealizou o texto, organizou a estrutura e a escrita. E-mail: rosiente.ferreira@ufma.br.

 <https://orcid.org/0000-0001-9020-758X>

Jefferson Saylon Lima de Sousa. Mestre em Comunicação (Universidade Federal do Maranhão). Especialista em Educomunicação e Tecnologia (UNINTER) e em Tradução Audiovisual (Universidade Estácio de Sá). Graduado em Comunicação Social - Rádio e TV (Universidade Federal do

Maranhão). Vice Coordenador do Grupo de Pesquisa e Estratégia na Comunicação - GPECOM. Professor Pesquisador integrante do Projeto de Extensão Sommar. Participou da estruturação do texto. Incluiu e formatou as imagens dando perspectivas que ampliaram a leitura e objeto em questão. E-mail: jefferson.saylon@ufma.br.

 <https://orcid.org/0000-0003-3700-3881>

Carlos Benedito Alves da Silva Júnior. Doutor em Ciências da Comunicação (Universidade Federal do Pará). Mestre em Administração (Universidade Federal de Santa Maria-RS). Especialista em Docência do Ensino Superior (Universidade CEUMA). Graduado em Comunicação Social - Radialismo (Universidade Federal do Maranhão). Professor do Curso de Comunicação Social - Rádio e Tv da UFMA. Coordenador do Projeto de Extensão Sommar. Reorganizou e revisou a estrutura do texto. Participou da escrita com a inclusão de nova perspectiva textual. E-mail: carlos.alves@ufma.br.

 <https://orcid.org/0000-0002-5930-5605>

### Referencias bibliográficas

- Anistia Internacional. 2024. *Movimento Global*. Acesso em 7 fev. 2024. <https://anistia.org.br/>.
- Anuário Brasileiro de Segurança Pública*. 2022. Acesso em 4 dez. 2022. <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2022/07/10-anuario-2022-feminicidios-caem-mas-outras-formas-de-violencia-contra-meninas-e-mulheres-crescem-em-2021.pdf>.
- Atlas da Violência da População Negra 2023*. 2023. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA). Acesso em 6 fev. 2024. <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/publicacoes/280/atlas-2023-populacao-negra>.
- Aumont, Jacques, e Michel Marie. 2009. *A Análise do Filme*. Lisboa: Edições Texto & Grafia.
- Beauvoir, Simone de. 1980 [1949]. O segundo sexo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Bourdieu, Pierre. 2008. Espaço social e espaço simbólico. In: *Razões práticas: sobre a teoria da ação*, 9ª ed., 13–33. Campinas: Papyrus.
- Charaudeau, Patrick. 2019. Reflexões para a análise da violência verbal. *Revista Desenredo* 15 (3). Acesso em 7 mar. 2024. <https://seer.upf.br/index.php/rd/article/view/9916>.

- Falcke, Denise, D. Z. Oliveira, L. W. Rosa, e M. Bentancur. 2009. Violência conjugal: um fenômeno internacional. *Contextos Clínicos* 2 (2): 81–90. Acesso em 7 mar. 2024. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1983-34822009000200002](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-34822009000200002).
- Fontes, Giordana C., e Gláucia R. S. Diniz. 2017. Gênero, saúde mental e violência: efeitos adversos da violência psicológica na saúde mental de mulheres. In: *Anais do Women's Worlds Congress – WWC 2017*, 1–10. Florianópolis: UFSC. Acesso em 23 out. 2025. [http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1500250768\\_ARQUIVO\\_Genero\\_saude\\_mental\\_e\\_violencia\\_Giordana%281%29.pdf](http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1500250768_ARQUIVO_Genero_saude_mental_e_violencia_Giordana%281%29.pdf).
- Fórum Brasileiro de Segurança Pública. 2022. *A violência contra pessoas negras no Brasil: 2022*. São Paulo: FBSP. Acesso em 6 fev. 2024. <https://publicacoes.forumseguranca.org.br/handle/fbsp/85>.
- Fórum de Segurança Pública. 2022. Acesso em 23 nov. 2022. [https://forumseguranca.org.br/publicacoes\\_posts/a-violencia-contra-negros-e-negras-no-brasil/](https://forumseguranca.org.br/publicacoes_posts/a-violencia-contra-negros-e-negras-no-brasil/).
- Gevehr, Daniel Luciano e Vera Lucia de Souza. 2014. As mulheres e a igreja na Idade Média: misoginia, demonização e caça às bruxas. *Revista Acadêmica Licencia&Acturas* 2 (1): 113–121. Acesso em 7 fev. 2024. <https://ws2.institutoivoti.com.br/ojs/index.php/licenciaeacturas/article/view/31>.
- Gonzalez, Lélia. 1984. Racismo e sexismo na cultura brasileira. *Revista de Ciências Sociais Hoje* 2 (1): 223–244. Acesso em 7 fev. 2024. [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7395422/mod\\_resource/content/1/GONZALES%2C%20L%2C%A9lia%20-%20Racismo\\_e\\_Sexismo\\_na\\_Cultura\\_Brasileira%20%281%29.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7395422/mod_resource/content/1/GONZALES%2C%20L%2C%A9lia%20-%20Racismo_e_Sexismo_na_Cultura_Brasileira%20%281%29.pdf).
- Kehl, Maria Rita. 2002. *Sobre ética e psicanálise*. São Paulo: Companhia das Letras.
- LaBelle, Brandon. 2022. *Agência sônica: som e formas emergentes de resistência*. Trad. Camila Proto. São Paulo: N-1 Edições.
- Lee, Spike. 2017. *Ela Quer Tudo*. Série, 1ª temporada. Netflix.
- Noyer, Alex. 2021. *Sound of Violence*. Longa-metragem, 1h34min.
- Patias, N. D., D. G. Silva, e D. D. Dell'Aglio. 2016. Exposição de adolescentes à violência em diferentes contextos: relações com a saúde mental. *Temas em Psicologia* 24 (1): 205–218. Acesso em 7 fev. 2024. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-389X2016000100010&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2016000100010&lng=pt&nrm=iso).
- Siqueira, Lúcia de Andrade. 2015. *Por onde andam as mulheres: percursos e medos que limitam a experiência de mulheres no centro do Recife*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Pernambuco.
- Sousa, Zeudi. 2022. *O Buraco*. Curta-metragem, 20 min. YouTube.

- Trotta, Felipe C. 2019. Música, som e violência imaginada. In: *42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom*, Belém, PA, 2–7 set.
- Vanoye, Francis, e Anne Goliot-Lété. 1994. *Ensaio sobre a análise fílmica*, 2ª ed. Campinas: Papyrus.